

O duplo freudiano em *Galiléia*, de Ronaldo Correia de Brito

Rosângela da Silva Oliveira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos; Bolsista CAPES.

E-mail: rosangeladasilva86@gmail.com

Resumo: Com base na teoria do duplo de Sigmund Freud, este trabalho apresenta um breve estudo sobre a ficção contemporânea *Galiléia*, lançada pela editora Alfabeta em 2008 e pertencente ao escritor Ronaldo Correia de Brito. A partir dessa obra, será analisado como se dá a representação do duplo freudiano, bem como esse duplo é fundamental para o (re)conhecimento identitário do narrador-personagem Adonias.

Palavras-chave: Duplo freudiano. Identidade. *Galiléia*. Literatura brasileira contemporânea.

Abstract: Based on the theory of the double proposed by Sigmund Freud, this paper presents a study of contemporary novel *Galiléia*, written by Ronaldo Correia de Brito and published in 2008. The main objective is to analyze the representation of double Freudian theory on this contemporary novel, as well as to check this double is fundamental for the narrator-character Adonias identity recognition.

Keywords: Double Freudian. Identity. *Galiléia*. Brazilian Contemporary Literature.

1 Introdução

A partir do romance *Galiléia* (2008), de Ronaldo Correia de Brito, será abordado neste trabalho o tema do duplo freudiano por meio da figura de Adonias, o narrador-personagem. Na obra do autor cearense, o duplo não apenas associa-se diretamente à questão identitária do protagonista, como também é a forma pela qual ocorre a ligação entre passado e presente.

Em *Galiléia* (2008), Adonias retorna a sua cidade natal, sertão de Inhamuns, para visitar o patriarca da família que se encontrava enfermo numa cama, prestes a falecer. Será na fazenda Galiléia, espaço principal da narrativa, que Adonias irá reviver grande parte de suas lembranças e se deparar com os assombros do passado de sua família, como diversos segredos ligados a adultério, violência e morte, que permaneciam ocultados há séculos pelos familiares.

Adonias precisará enfrentar dois tempos simultâneos desde o início da viagem: o passado, que é revivido por meio da memória, e o presente, que se dá por meio do novo contato com seus familiares. O narrador-personagem, portanto, se vê diante da tentativa de compreender o porquê do medo que sentiu sempre ao pensar em retornar

ao sertão, revivendo no presente uma conhecida história de assassinato, ocorrida há mais de duzentos anos.

2 O duplo freudiano

A temática do duplo encontra-se presente em uma vasta gama de ficções literárias. Autores como Shakespeare, Goethe, Dostoiévski e Oscar Wilde foram uns dos tantos escritores que se utilizaram da duplicidade em suas obras. Em *O duplo na literatura: reflexão psicanalítica* (2007), a autora Assy Najla afirma que “essa motivação do enredo condicionada pela semelhança já existia inclusive nas lendas heróicas. Os apoderamentos do análogo remontam aos ciclos das mitologias indianas e das lendas tebaicas: – Mercúrio - por exemplo - assume as formas do escravo Sósia” (ASSY, 2007, [s.p.]).

Otto Rank, médico psicanalista e amigo íntimo de Freud, foi o primeiro a desenvolver, no campo psicanalítico, essa noção de duplicidade, tema este discutido em seu ensaio intitulado *O duplo: um estudo psicanalítico* de 1914. Em seu livro, Otto Rank (2013) analisa, a partir do filme *O estudante de Praga* de 1913, a presença do duplo na mitologia, no folclore europeu e na literatura do século XIX. Em “O Estranho” (1996a), Sigmund Freud retoma essa questão, mas agora trazendo o seguinte questionamento: em quais circunstâncias esse duplo produz o efeito do estranhamento no indivíduo que presencia essa experiência?

Segundo Freud (1996a), embora o duplo pareça “[...] algo de estrangeiro, estranho a nós- mesmos - sempre nos acompanhou desde tempos primordiais do funcionamento psíquico, estando sempre pronto a ressurgir e provocando-nos uma sensação de inquietante estranheza” (FREUD *apud* ASSY, 2007, [s.p.]). Para o psicanalista, essa associação entre o estranho e o duplo deve-se, justamente, porque a duplicidade é um dos elementos que causam o efeito do estranho. Cabe lembrar que, embora o termo “estranho” - *unheimlich* em alemão - esteja diretamente ligado à ideia de assustador, ao que provoca medo, o mesmo não é fruto do desconhecido, pelo contrário, deve-se a algo conhecido, familiar, que já estava fixado na mente, mas que acabou apartando-se desta por meio do processo de repressão.

Em outras palavras, pode-se dizer que

o sinistro freudiano instaura, lança os alicerces de um outro olhar sobre os pilares da subjetividade atinentes ao seu, por assim dizer, temperamento desconhecido - natureza que aloja em si um paradoxo subjetivo que o próprio sujeito às escuras ignora, mas que reside em sua intimidade, estranha idiossincrática intimidade. (ASSY, 2007, [s.p.]).

Em síntese, o duplo pode ser visto como um outro de si mesmo, embora enigmático, que pode ser reconhecido pelo sentimento de estranhamento que ele é capaz de causar.

3 O duplo freudiano em *Galiléia*

Esse conflito psíquico criado pelo duplo, que na realidade trata-se de uma “projeção da desordem íntima” (ASSY, 2007, [s.p.]), em geral, aparece na literatura por meio de retratos, reflexos no espelho, sombras, fantasmas etc. No caso de *Galiléia* (2008), a duplicidade ocorre por meio de um encontro fantasmagórico.

Para melhor compreendermos como se dá a presença do duplo na obra de Ronaldo Correia de Brito, façamos aqui uma pequena pausa para apreendermos o enredo da narrativa do autor cearense, antes de iniciarmos a análise do texto. A obra *Galiléia* (2008) inicia-se com Adonias, o narrador-personagem do romance, narrando a viagem que ele faz ao lado dos seus dois primos, Ismael e Davi, à fazenda Galiléia. Nascidos no sertão do Ceará, onde fica localizada a fazenda, esses três personagens, que no momento presente da narrativa não mais habitavam o local e não se viam há anos, decidem encarar uma viagem do Recife a Arneirós, em uma camioneta importada, para visitar a Galiléia e comemorar o aniversário do patriarca da família, Raimundo Caetano. No entanto, sabe-se, desde o início da narrativa, que a comemoração do aniversário de Raimundo Caetano poderia não ocorrer, já que ele estava enfermo numa cama.

Adonias é um médico que reside no Recife com sua esposa, Joana, e seus dois filhos, Marília e Pedro. Embora tivesse aceito viajar com Davi e Ismael, Adonias demonstra, durante toda a viagem do Recife ao sertão do Ceará, sentir uma estranha sensação de medo só de pensar em retornar à fazenda: “Penso em voltar para o Recife, obedecendo a pressentimentos de desgraça [...]. Davi e Ismael consultam-me com os olhos; temem que eu desista da viagem” (BRITO, 2008, p.7). Para a análise aqui proposta, este é um dado importante, já que essa aflição por parte do personagem Adonias não era algo novo, mas sim que o acompanhava desde criança: “O desejo quase erótico de retornar ao lugar onde nasci se misturava com um medo inexplicável de morte. Vinha empurrado por meus pais, e até me acostumar à casa, ao silêncio da Galiléia, vivia horas de angústia” (BRITO, 2008, p.129).

Essa incômoda sensação de angústia que o personagem Adonias sentia e que se repetia desde sua infância pode ser vista como um dos processos psíquicos conhecido como recalque, expressão muito conhecida e estudada na área da psicanálise. Segundo Sigmund Freud, responsável pelo uso do termo, é por meio do recalque que o aparelho psíquico encontra um meio para desalojar lembranças desagradáveis do consciente, ou seja, as representações que podem gerar desprazer são mantidas no inconsciente. Roudinesco e Plon (*apud* ISOTTON, [s.d], p.2) afirmam que “esse funcionamento se estabelece para evitar o desprazer que pode ser gerado pelo retorno deste material, bem como o desequilíbrio psicológico do sujeito”. Veremos mais adiante que esse sentimento de angústia, causado por lembranças presentes no inconsciente de Adonias, está diretamente ligado ao seu duplo e, conseqüentemente, à sua questão identitária.

Mais adiante na narrativa de 2008, Adonias relembra com seu primo Ismael a tragédia ocorrida na família há duzentos anos, a qual é fundamental para compreendermos a questão do duplo na obra escolhida como *corpus* para este trabalho. A história narrada por Adonias é a de seu antepassado Domísio Justino, que, mesmo

casado e com filhos, apaixonou-se por outra mulher em uma de suas viagens à capital, motivo pelo qual ele sempre demorava para retornar à sua casa no interior do sertão, onde ficava sua esposa e seus filhos à sua espera. Certo dia, decidido a se livrar de vez de sua esposa para poder ficar com a outra mulher, Domísio Justino inventa uma história para os dois cunhados, Pedro e Luiz Miranda. Donana passa, então, a ser acusada de traição pelo próprio marido, o qual decide assassiná-la brutalmente com uma faca, já que essa era a maneira dele lavar a sua honra, segundo as regras locais. Mas os irmãos de Donana, Pedro e Luis Miranda, ao descobrirem que Domísio Justino havia criado uma mentira para se livrar de Donana, juram vingar a morte da irmã. Domísio, então, é obrigado a pedir proteção ao seu irmão, que o esconde em sua própria casa para que os cunhados de Domísio Justino não o encontrassem.

Após lembrarem esse e mais alguns outros casos da família, Adonias passa a discutir seriamente com Ismael, que havia tocado no nome de sua mãe, segundo ele, indevidamente. Tal discussão acaba refletindo numa reação violenta por parte de Adonias, que decide lançar uma pedra em direção ao primo. A atitude de Adonias irá, conseqüentemente, acarretar na morte de Ismael: “Vi quando ele tombou sangrando como nossa tia Donana, esfaqueada pelo marido Domísio” (BRITO, 2008, p. 141). Nesse exato momento, se dá a repetição de um crime, um novo assassinato é cometido por outro membro da família Castro, assim é que a mesma tragédia ocorrida há dois séculos na família de Adonias se repete agora no presente da narrativa e, ironicamente, no mesmo local. Como um aviso daquilo que faria parte do seu destino, o pressentimento do narrador-personagem de que algo de ruim poderia acontecer acaba se cumprindo. Adonias, então, se vê diante da mesma situação vivida por seu antepassado: “Refazia um trajeto criminoso de mais de duzentos anos. Igual a Domísio, eu buscava quem me escondesse” (BRITO, 2008, p.141). Percebe-se, claramente, nesse trecho do texto que Adonias passa a se identificar com a atitude de Domísio Justino, passando a reconhecer-se, também, como um assassino.

Adonias procura se esconder de todos em uma espécie de porão de uma das casas da família Castro, a qual ele pertencia. Esse espaço é de extrema importância dentro da narrativa de *Galiléia* (2008), já que o local que se encontrava fechado durante cinco gerações era o mesmo lugar que Domísio Justino havia utilizado como esconderijo após assassinar a esposa, Donana. Será, justamente, nesse mesmo espaço que Adonias irá se deparar com o seu duplo, o fantasma de Domísio Justino.

Clémant Rosset (1998), um dos mais significativos pensadores franceses da contemporaneidade, que também estudou a questão da duplicidade, afirma em sua obra intitulada *O duplo e o real* (1998) que, por se tratar de uma criação do conflito psíquico, a duplicidade nada mais é do que uma maneira de se negar a realidade, por esse motivo o duplo é visto como algo inevitável, como algo predestinado. Assim é que, inevitavelmente, ocorre o encontro de Adonias com o seu outro Eu, o qual se encarrega de apontar para a identificação entre eles, passando a descrever-se como sendo o reflexo de Adonias:

- Não há razão para medo, somos bem parecidos.

[...]

- Hoje à tarde, você atraiu Ismael para o mesmo lugar em que eu matei Donana. Você já cansou de ouvir essa história. Tanto que já nem sabe se ela é minha ou sua. Além de repetir o meu crime, como se não bastasse a semelhança, correu para a mesma casa, e procurou se ocultar no quarto em que me escondo (BRITO, 2008, p. 150-151).

Cabe lembrar aqui que, para Freud (1996a), tanto a repetição quanto o duplo são elementos presentes na experiência do estranho. Pensando-se aqui, também, na questão do estranhamento, pode-se dizer que este está presente na obra *Galiléia* (2008), não apenas por meio da repetição do mesmo crime ocorrido há dois séculos que era do conhecimento de todos, já que a história era recontada de geração em geração, mas também por meio do encontro entre Adonias e o seu duplo, o fantasma Domísio Justino. Ou seja, tanto o caso do assassinato de Donana, quanto o responsável por sua morte, já eram do conhecimento de Adonias, portanto, familiar a este.

Após esse encontro fantasmagórico, mais adiante na narrativa de 2008, o leitor fica sabendo que a morte de Ismael não passou de uma alucinação do personagem Adonias. Percebe-se, claramente, que ele fica perturbado com a situação depois de ter reencontrado o primo, que, por sua vez, conta-lhe o que de fato havia acontecido, depois que Adonias sumiu deixando-o sozinho. Ismael explica que ele havia tropeçado e batido a cabeça numa pedra, por isso aparecera com um machucado na testa. No entanto, mesmo depois de ter ouvido a versão do primo, Adonias não consegue distinguir entre realidade e imaginação, permanecendo, ainda, com a dúvida sobre o caso do primo: “Falou a verdade quando disse que tropeçara, batendo a cabeça numa pedra?” (BRITO, 2008, p. 159).

Essa experiência vivenciada pelo narrador-personagem de *Galiléia* (2008) assemelha-se com o que Freud (1976) chamou de “fantasias”, termo bastante abrangente que comporta diferentes definições, como fantasias conscientes, pré-conscientes, inconscientes. Em síntese, as fantasias podem ser definidas como sendo narrativas pessoais, por meio das quais o indivíduo altera o seu passado, ou seja, a sua história. No caso das fantasias, a crença possui um valor real e a pessoa não consegue distinguir entre o sonho e a realidade, além disso, as fantasias “possuem realidade *psíquica*, em contraste com a realidade *material*, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade *psíquica* é a realidade *decisiva*” (FREUD, 1976, p. 430). Motivo este que explica o fato de Adonias não apenas não conseguir distinguir entre realidade e imaginação, mas também de continuar acreditando que havia matado o primo, mesmo depois de saber que Ismael havia apenas escorregado e batido a cabeça em uma pedra: “Matei Ismael, não interessa se ele respira, bebe cerveja em Arneirós, fica com garotas. Matei-o e ele continuará me assombrando como tio Domísio. Alguém na família precisava repetir o que os antepassados fizeram. [...]. Matei e pronto” (BRITO, 2008, p.159).

4 O (re)conhecimento identitário de Adonias

O sentimento de angústia ao pensar em retornar à fazenda Galiléia, o delírio de ter matado o primo e o sentimento de medo ao encontrar-se com o seu duplo são alguns dos indícios que podemos apontar para a existência de um conflito existencial

por parte do personagem Adonias. Este que não conseguia se ver nem no meio urbano, nem no sertão, passa a (re)conhecer parte de sua própria identidade a partir do momento que vivencia as mesmas experiências tidas pelo seu duplo.

Em “Uma interrogação psicanalítica de identidades”, texto pertencente a Eduardo Leal Cunha, o autor afirma o seguinte sobre essa questão:

[...] podemos vislumbrar os processos de busca de identidades como o modo pelo qual o sujeito busca a ordenação e circulação do seu desejo no mundo. Não podemos supor, no entanto, que essas operações sejam sempre conscientes para o sujeito ou mesmo que o registro das identidades coincida totalmente com o registro do Eu. Uma das bases dessa afirmação é a consideração de que o que há de mais íntimo no nosso ser, e que certamente pode nos ligar a um outro ser, muitas vezes nos aparece como inquietante, como assustador, como estranho. Com isto quero dizer que tanto aquilo que nos singulariza e nos torna únicos no mundo, como também o que nos une a um outro sujeito ou grupo pode ter sido recalcado e não ser reconhecido por nós mesmos como algo da ordem da nossa própria identidade. (CUNHA, 2000, p. 225),

Tal pensamento pode ser aplicado ao caso da ligação existente entre Adonias e Domísio Justino que, além de pertencerem à mesma família, também carregam em comum um mesmo traço, digamos genético, de um instinto assassino. Não podemos esquecer que, para Freud, a identidade é algo que vai além das semelhanças ou analogias, para ele, a identidade trata-se de “[...] algo da ordem do “mesmo” que se faz presente e marca uma ligação, uma igualdade entre dois sujeitos. É por essa via que, no texto sobre os sonhos, ele chega a falar na substituição de um pelo outro, numa troca de posições em uma trama intersubjetiva” (FREUD *apud* CUNHA, 2007, p. 16).

5 Considerações finais

Ao longo da construção deste trabalho sobre a questão do duplo na obra *Galiléia* (2008) de Ronaldo Correia de Brito, foi possível observar que o retorno de Adonias ao seu lugar de origem, bem como o seu reencontro com os parentes do sertão e as memórias revividas foram fundamentais para compreendermos o motivo de seu encontro com o seu duplo, o fantasma Domísio Justino. Esse encontro inevitável com o seu outro Eu era o modo pelo qual o narrador acabaria descobrindo o verdadeiro motivo do seu sentimento de angústia e medo, que surgia sempre que precisava retornar à Galiléia, e de (re)conhecer aquilo que fazia parte de sua identidade. Esse (re)conhecimento identitário por parte do narrador-protagonista pode ser visto, portanto, como uma resposta daquilo que ele mesmo não conhecia de maneira consciente, mas que estava diretamente ligado à construção de si e do seu posicionamento diante do mundo.

Referências

ASSY, N. O duplo na literatura: reflexão psicanalítica. *Cronópios*, ano 8, 14 dez. 2007. Disponível em: < <http://cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=2931>>. Acesso em: 09 dez. 2014.

BRITO, R. C. de B. *Galiléia*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2008.

CUNHA, E. L. Uma interrogação psicanalítica das identidades. *Caderno CRH*, v.13, n.33, p.209-228, 2000.

CUNHA, E. L. Uma leitura freudiana da categoria de identidade em Anthony Giddens. *Ágora*, Rio de Janeiro, v.10, n.2, Jul./Dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982007000200002>. Acesso em: 10 dez. 2014.

FREUD, S. (1917-1919). O estranho. In: _____. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

ISOTTON, R. Recalque e repressão: uma breve discussão conceitual. *Círculo psicanalítico do RGS*, Rio Grande do Sul, [s.d]. Disponível em: <<http://www.cbp.org.br/cprs/artigos.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

RANK, O. (1914). *O duplo: um estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

ROSSET, C. *O real e seu duplo - ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre, 1998.